

As Biografias Protestantes como Hagiografias: análise de três obras biográficas do protestantismo brasileiro (1930-1950)

Wilton Carlos Lima da Silva Lima Silva¹
Rogério de Carvalho Veras²

DOI: 10.4025/rbhranpuh.v9i26.32446

Resumo: Este artigo é um estudo sobre os livros “O padre José Manuel da Conceição” de Vicente Themudo Lessa, “O padre protestante” de Boanerges Ribeiro e “O apóstolo de Caldas” de Júlio Andrade Ferreira. São três biografias de protestantes brasileiros publicadas entre 1935-1950. O objetivo é estabelecer analogias entre essas biografias protestantes e o discurso hagiográfico de longa tradição na literatura cristã. Para isso, utiliza-se de aspectos estruturais recorrentes na hagiografia, segundo Michel de Certeau, percebendo suas correlações com as biografias em análise. Compreende-se que as biografias analisadas se apropriam das representações hagiográficas ao mesmo tempo em que ressemantizam ideias e valores à luz da ortodoxia protestante.

Palavras-chave: Biografia. Protestantismo. Hagiografia.

The biographies Protestants as hagiographies: analysis about three biographical works of Brazilian Protestantism (1930-1950)

Abstract: This article studies the books "Padre Jose Manuel da Conceição" by Vicente Themudo Lessa, "O Padre Protestante" by Boanerges Ribeiro and "O Apóstolo de Caldas" by Julio Andrade Ferreira. These are three biographies about Brazilian Protestants published between 1935 and 1950. The aim is to establish analogies among these protestant biographies and the long tradition of hagiographic discourse in Christian literature. For that, we use the recurring structural aspects in hagiography, according to Michel de Certeau, realizing their correlations with the biographies under review. We understand that the analyzed biographies kept the hagiographic representations, at the same time, giving new meanings for ideas and values in the light of protestant orthodoxy.

Keywords: Biography. Protestantism. Hagiography.

Las biografías protestantes como hagiografías: análisis de tres obras biográficas de lo protestantismo brasileño (1930-1950)

Resumen: Las biografías protestantes como hagiografías: análisis de tres obras biográficas del protestantismo brasileño (1930-1950) Resumen: Este artículo es un estudio sobre los libros "Padre José Manuel da Conceição" de Vicente Themudo Lessa, "O Padre Protestante" de Boanerges

¹ Professor Livre-docente em Metodologia da Pesquisa Histórica, do Departamento de História da UNESP, Campus de Assis/SP. E-mail: wilton@assis.unesp.br

² Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Maranhão, doutorando de História na Universidade Estadual Paulista (UNESP/Assis-SP), bolsista CAPES, membro do MEMENTO: Grupo de Pesquisa de Memórias, Trajetórias, Biografias. E-mail: rogerioveras14@gmail.com

Ribeiro y "O Apóstolo de Caldas" de Julio Andrade Ferreira. Los tres son biografías de protestantes brasileños publicadas entre 1935-1950. El objetivo es establecer analogías entre estas biografías protestantes y la larga tradición del discurso hagiográfico en la literatura cristiana. Para eso se utilizan los aspectos estructurales recurrentes en la hagiografía, según Michel de Certeau, identificando sus correlaciones con las biografías que se examina. Se comprende que las biografías analizadas se apropian de representaciones hagiográficas al mismo tiempo en que confieren nuevos significados a ideas y valores a la luz de la ortodoxia protestante.

Palabras clave: Biografía. Protestantismo. Hagiografía

Recebido em 28/06/2016 - Aprovado em 20/08/2016

*O protestantismo brasileiro teve, em Conceição
– que abriu seus caminhos e nimbou seus primórdios
de uma auréola mística – um santo. (Émile-G. Léonard)*

*“Mais um santo para esculpir é o que lhe vale
pra evitar que o rancor suas erras espalhe” Djavan, Milagreiro*

Introdução

Ante o crescimento da importância social e política dos grupos evangélicos³ na sociedade brasileira, um número cada vez maior de pesquisadores dedica-se a investigar sobre diferentes aspectos essa presença. Essa produção concentra-se em abordagens sociológicas, antropológicas e da ciência política. Porém, nas últimas duas décadas, os trabalhos de historiadores acadêmicos sobre os evangélicos alcançaram um crescimento significativo. O ponto de partida comum entre esses historiadores é o esforço em superar as narrativas apologéticas e triunfalistas da historiografia eclesiástica protestante.

Paralelo a essa tendência ascendente, surge uma reflexão, ainda escassa e inicial, sobre a escrita da história dos grupos evangélicos a qual alguns autores têm denominado “historiografia do protestantismo”⁴ no Brasil. Essa reflexão historiográfica debruça-se sobre uma produção que privilegia o período da inserção, entre a segunda metade do

³ Utiliza-se esse termo aqui como categoria de identificação comum na sociedade brasileira para aglutinar diferentes grupos religiosos como: os protestantes de instituições oriundas da Reforma, chamados “históricos” (luteranos, presbiterianos, batistas etc.), os pentecostais (Assembleia de Deus, Congregação Cristã do Brasil, Igreja Evangélica Quadrangular, etc.) e os neopentecostais (Universal do Reino de Deus, Mundial do Poder de Deus e Sara Nossa Terra, etc.). Neste artigo, em razão dessa identificação comum, algumas vezes intercambiamos os termos “protestantes” e “evangélicos”.

⁴ Alguns trabalhos: Quadros (2016), Watanabe (2011, 2007), Santos (2008), Santos (1999). Apesar de algumas ressalvas ao uso do termo (WATANABE, 2011, p.21; SANTOS, 2008, p.181), ele é bastante utilizado. O certo é a insuficiência de reflexão historiográfica no campo de estudos do protestantismo (QUADROS, 2016, p. 140)

século XIX e a Primeira República (1930)⁵. As escritas da história protestante são basicamente de dois tipos: a) a historiografia eclesiástica, que utiliza uma narrativa institucional visando a edificação dos fiéis e b) a historiografia acadêmica, cujo escopo é compreender a historicidade da relação entre esses grupos religiosos e a sociedade brasileira.

Apesar desse movimento de tomar as obras de história do protestantismo como objeto de estudo, os pesquisadores, em geral, não deram atenção ao fato de que as primeiras obras e parte significativa desses livros de história dos protestantes são memórias, biografias e autobiografias⁶. Logo, a medida que as igrejas protestantes foram se consolidando, boa parte da relação que essas comunidades estabeleceram com o seu passado ocorreu pela leitura das “escritas da vida” de agentes religiosos (missionários, pastores e educadores protestantes), considerados importantes por seu “pioneirismo” e exemplo. A presença considerável dessas obras constituiu uma função importante na construção da identidade protestante no Brasil, sendo ainda como um campo a ser explorado pela investigação historiográfica.

Essa pouca atenção explica-se talvez pela compreensão de que devido ao seu caráter laudatório essas “escritas da vida” pouco teriam a contribuir com uma explicação histórica, servindo somente como fonte de informação e de acesso à documentação. Todavia, nos propomos a tomar estas “narrativas de vida” como objeto de estudo, perguntando se esse caráter elogioso e apologético da vida de religiosos aproxima as biografias protestantes das hagiografias católicas.

Antes, porém, precisamos conhecer as biografias protestantes as quais nos propomos analisar, como se situam no contexto de suas escritas e o que podemos entender por hagiografias.

1-Pioneiras Biografias dos Pioneiros (1920-1950)

Neste artigo analisaremos três obras⁷: “O Padre José Manuel da Conceição”, primeira versão de 1922 e livro publicado em 1935, de Vicente Themudo Lessa; “O Padre Protestante”, primeira versão nos inícios dos anos 1940, livro publicado em 1950, de Boanerges Ribeiro; e “O Apóstolo de Caldas”, publicado em 1948 de Júlio Andrade Ferreira.⁸

⁵ O próprio termo “historiografia do protestantismo” denuncia a primazia desses estudos no “protestantismo missionário” das instituições “históricas” no século XIX, em detrimento dos (neo) pentecostais do XX.

⁶ Uma exceção digna de nota é a tese de Watanabe (2011) que dedica um “anexo” à análise de duas biografias de protestantes vinculados ao Brasil.

⁷ Não nos interessa aqui as biografias de protestantes sem vínculos com o protestantismo brasileiro.

⁸ Outras obras publicadas à época são: “Salomão Ginsburg, um judeu errante no Brasil” (autobiografia publicada em 1932); “Galeria Evangélica” (1952, de Júlio Andrade Ferreira).

A maioria desses livros foram publicados por editoras protestantes com tiragens limitadas, mas com boa circulação e aceitação entre os fiéis⁹. Estas foram as primeiras iniciativas editoriais. Antes disso, as biografias desses “pioneiros do protestantismo nacional” eram dadas a conhecer apenas em publicações internas às instituições, por meio de notas, esboços, opúsculos, ou das “páginas necrológicas” nos jornais eclesiais.

A questão que buscamos discutir é de como entender as publicações dessas biografias nesta época, a partir do debate da escrita biográfica no Brasil, nos anos 1930 e 1940, e o contexto interno e externo às instituições protestantes.

As primeiras décadas do século XX marca uma renovação do fazer biográfico, com novos referenciais narrativos, conforme nos apontam Gonçalves (2011; 2004); a autora nos apresenta uma forma de compreendermos os caminhos dessa renovação e sua recepção no Brasil.¹⁰

Para a construção dessa nova biografia, segundo Gonçalves (2011), destacam-se dois autores fundamentais, Sidney Lee e André Maurois. O primeiro sistematizou, em 1911, um conjunto de “Princípios da Biografia” em que “criticava os perigos das abordagens moralistas, cujos resultados comprometeriam a verdade acerca das ações do biografado” (p. 124); enquanto o segundo, sistematizou reflexões de suas conferências em 1928, sob o título “Aspectos da Biografia”, onde apontava que a biografia moderna demandava “junções muito bem dosadas da investigação histórica e dos encantamentos do romance: o produto resultante da difícil junção entre técnica e intuição” (p. 132).

Para Maurois, o modelo desse novo fazer biográfico estaria nas obras de Lytton Strachey (“Eminent Victorians”; “Queen Victoria”) com sua crítica mordaz à moralidade vitoriana e que colocava Strachey como magistral “historiador que, ao transformar o material pesquisado em texto, desempenhou também funções de artista, somando precisão à fluidez e à beleza da narrativa, decifrando e humanizando seus notáveis personagens” (GONÇALVES, 2004, p. 135).

Segundo Gonçalves (2011, p. 132), as conferências de Maurois e as obras de Strachey faziam parte da biblioteca de muitos letrados brasileiros e impactou a perspectiva de diversos autores ao propor personalidades mais humanizadas, ao mesmo tempo ancorada na pesquisa documental e histórica.

É no diálogo com as propostas de Maurois e a obra de Strachey que intelectuais brasileiros começam, nos anos 1930-1940, a realizar biografias de “vultos eminentes da história política e da produção literária brasileira” com tal orientação e em um volume tão significativo que Alceu Amoroso Lima, em 1931, designou tal demanda de “epidemia biográfica” (GONÇALVES, 2004, p. 144).

⁹ Essas obras foram republicadas e continuam sendo referência de leitura na formação de novos ministros sendo facilmente encontradas nas bibliotecas dos seminários das instituições protestantes.

¹⁰ O trabalho de Muniz Júnior (2015) problematiza a escrita biográfica, a partir da obra do biógrafo Raimundo Magalhães, no período entre 1950 e 1970. Sobre a relação entre o direito à imaginação e liberdade criativa e o dever da objetividade e do factual na complexa relação entre biografia e história, tendo como referencial a tradição anglo-saxônica, vide Bárbara Tuchman (1991).

Na mesma época, começam a ser publicadas biografias de protestantes, escritas por autores protestantes que se apropriaram à sua maneira das propostas da nova biografia: esforçaram-se por aliar a escrita romanceada à pesquisa documental, mas não abriram mão de sua função moralizadora, por esta servir aos interesses dos quais eram porta-vozes e manterem o papel de propaganda de seus textos.

É interessante notar que essas “narrativas de vida” surgem em paralelo com os esforços de elaboração de “histórias eclesiásticas”, ambas servindo ao propósito de estabelecer uma memória oficial sobre as origens do protestantismo brasileiro.

Inicialmente, como bem destaca Watanabe (2011), os primeiros livros de história institucional foram feitos por iniciativas solitárias de homens idosos, no final de suas carreiras e como coroamento de uma vida como pastores ou missionários, de forma que esses autores eram também testemunhas oculares dos fatos que narravam. Os primeiros livros de história dos protestantes surgiram desses colecionadores de documentos, atas e jornais velhos de suas igrejas, que convertiam sua memória material e sua experiência em um relato com forte ênfase memorialística¹¹.

As primeiras (auto)biografias¹², escritas entre os anos 1920-30, investiam-se de um ímpeto de preservar a memória das gerações pioneiras à beira do desaparecimento, a fim de consolidar um legado às gerações seguintes, mais do que um esforço institucional sistemático, porém a partir dos anos finais da década de 1940 e início de 1950, uma nova geração de autores surge mais vinculada à uma organizada política de memória institucional.

A primeira a propor-se revisitar sua história por conta das celebrações e projetos de expansão em vista do seu centenário no país foi a Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB), criando, em 1942, o cargo de historiador oficial e designando à função Júlio Andrade Ferreira, que desde 1937 pesquisava a vida de Miguel Torres, um dos primeiros pastores brasileiros e que fora responsável por levar o protestantismo às regiões mineiras.

A partir de 1946 iniciavam-se os preparativos para o “Centenário” com planos ousados de expansão¹³ e em 1949, teve início uma Comissão de pesquisa histórica

¹¹ Sobre o memorialismo, no período, destacam-se na literatura obras como, na década de 1930, *O meu próprio romance* (1931), de Graça Aranha, e *Memórias* (1933) de Humberto de Campos, na de 40, *Infância* (1945) de Graciliano Ramos e de *Segredos da infância* (1949) de Augusto Meyer, e, ainda, a década de 50 tem como destaques *Memórias do cárcere* (1953), também de Graciliano Ramos, *Um homem sem profissão* (1954) de Oswald de Andrade, *Itinerário de Pasárgada* (1954) de Manuel Bandeira, *História da minha infância* (1955), o primeiro de cinco volumes das memórias de Gilberto Amado, e *Meus verdes anos* (1956), de José Lins do Rego. Dentro da tradição consolidada desse estilo literário, tais relatos apresentam uma extensa cronologia de enredo, o narrador autodiegético e a busca de apreensão de um entorno histórico.

¹² Entre as quais a biografia de José Manuel da Conceição (1822-1873), padre que rompera com a Igreja Católica e se tornou o primeiro pastor brasileiro, feita por Vicente Themudo Lessa, publicada em 1935, e autobiografia de Salomão Ginsburg (1867-1927), judeu-polonês que se converteu ao cristianismo e se tornou um dos pioneiros da Igreja Batista no Brasil, publicada em 1932.

¹³ Segundo Watanabe: “Além de prestar ‘uma homenagem póstuma a esses varões de Deus, missionários e mulheres que implantaram o Presbiterianismo em nossa pátria’, os presbiterianos

liderada por dois biógrafos Júlio Andrade Ferreira e Boanerges Ribeiro¹⁴, cujo objetivo seria realizar por dez anos pesquisas nas igrejas, colher depoimentos, documentos, atas para a publicação de um livro do centenário em 1959.

Tanto Júlio Andrade Ferreira como Boanerges Ribeiro eram novos pastores e descendentes de famílias evangelizadas por personagens “pioneiros” do presbiterianismo em São Paulo e Minas Gerais, e além de biógrafos se tornaram, mais tarde, autores de histórias eclesiásticas, de modo que foram constituídos e constituintes de uma memória oficial institucional.

Essa identidade como escritores de biografias e da história institucional também está presente em outras instituições protestantes, de maneira que é importante termos em conta a relação entre a escrita de biografias e a escrita dos livros de história eclesiástica, desvelando aspectos compreensíveis quando consideramos o contexto em que elas se inserem.

Em três décadas, de 1920-1950, as instituições protestantes passaram por conjunturas internas e contextos externos de grandes transformações, em que internamente temos a passagem de um período de menor controle institucional para um período de maior consolidação e controle organizacional, e externamente o contexto político-social e religioso brasileiro sofre alterações profundas, que impactam as igrejas protestantes reconfigurando suas práticas, discursos e representações da memória e do seu papel histórico na sociedade brasileira.

No contexto social mais amplo entre os anos 1930-50, quando surge os primeiros livros de história protestante, colocavam-se determinantes como o autoritarismo da Era Vargas, a reaproximação do Estado com a Igreja Católica, o aparecimento do pentecostalismo, a afirmação da ideologia nacionalista, a urbanização e, por fim, maior expressão do movimento feminista e de movimentos sociais no campo e nas cidades após a redemocratização.

Estas transformações gerais provocaram ou intensificaram alterações no contexto institucional protestante na busca pela autonomia administrativa das denominações protestantes; na afirmação de uma identidade e teologia nacionais e um maior enfrentamento com o catolicismo; no surgimento a partir da metade da década de 1940, especialmente entre os jovens protestantes, de uma teologia do evangelho social americano, além de propostas ecumênicas e do ministério feminino, ao mesmo tempo em que cresce a influência do movimento fundamentalista como reação aos evangélicos progressistas.

É nesse contexto de acentuadas transformações e conflitos internos e externos que os protestantes irão voltar-se para suas histórias e personagens “pioneiros”, em que as narrativas divulgavam uma posição teológica, um padrão de vida e moral a ser

utilizar-se-iam da data para estabelecer metas institucionais ousadas tais como, dobrar o número de membros em uma década...” (2011, p. 144)

¹⁴ Esse autor tinha escrito duas biografias: uma sobre o místico cristão indiano Sadu Sundar Singh publicada em 1943, e outra em 1948 sobre José Manuel da Conceição.

transmitido principalmente aos jovens, por isso serem dedicadas aos seminaristas e muitas vezes adotadas como livros de leitura obrigatória na formação.

Nesse sentido, como diz Watanabe (2011, p. 233) para período 1960-70, mas também válido para os anos 1930-1950: “antes de serem obras desprezíveis, as biografias respondiam às delicadas questões pelos quais as igrejas protestantes passaram”.

Os conflitos do presente interpelam os agentes das instituições a um “retorno às origens” com objetivo de construir a identidade e fortalecer a coesão ante as crescentes ameaças de divisão.¹⁵

Não por acaso as primeiras iniciativas de escrita da história foram biográficas, revelando a busca por modelos de fé e serviço, identificando as biografias como um poderoso instrumento para alcançar mais leitores nas comunidades, ampliando as possibilidades de homogeneizar suas teologias e práticas.

Se de um lado, no que tange ao estilo romancado e ao apuro histórico-documental, os biógrafos protestantes se aproximavam da nova biografia, por outro, pouco fizeram pela humanização dos seus heróis, pois preferiram construir homens quase sem defeitos que embora tendo suas crises e contradições eram sempre dotados de um propósito ortodoxo.

Dessa forma, as biografias atingiram melhor os objetivos da memória institucional pois, “diferente dos livros de história eclesiástica, esse conjunto de narrativas usaram de imagens e representações não exclusivas do universo protestante para atingir seus objetivos” (WATANABE, 2011, p. 233).

É nesse ponto do “uso de imagens e representações” para além do universo protestante, a fim de alcançar quantitativa e qualitativamente mais leitores, que pensamos em analisar algumas biografias protestantes da década de 1930-1950, percebendo as conexões com a hagiografia de tradição cristã, destacando seus cruzamentos e distinções.

Biografias e biógrafos

As três obras que analisamos tratam de dois personagens, José Manuel da Conceição (1822-1873) e Miguel Gonçalves Torres (1849-1892).

José Manuel da Conceição foi criado por um tio-avô padre, na adolescência teve contato com imigrantes protestantes com os quais aprendeu a língua alemã e teve contato com obras da História da Reforma. Enquanto pároco, foi constantemente deslocado pelo interior de São Paulo por ser considerado pelos seus superiores pouco ortodoxo, sendo conhecido como “padre protestante”. Devido essa fama os missionários o procuraram e no ano seguinte à primeira visita que recebeu dos protestantes ocorreu sua conversão, em

¹⁵ Já em 1922 nas atas do Presbitério de Pernambuco nota-se o “rápido alastramento de diferentes heresias principalmente do sabbatismo e do pentecotismo nos evangélicos”, leia-se, na Igreja Presbiteriana (*apud* SOUZA, 2013, p. 105). Há também os conflitos dos anos 1930 por questões doutrinárias entre “liberais” e os “conservadores” na Igreja Presbiteriana Independente, gerando novos cismas como surgimento da Igreja Presbiteriana Conservadora (IPC) em 1940 e a Igreja Cristã de São Paulo em 1942. (LÉONARD, 1981, p. 293 ss.)

1864, o que foi anunciado como o grande triunfo por parte dos protestantes e levou a Igreja Católica a condená-lo à excomunhão.

Iniciou sua carreira de pastor presbiteriano, trabalhando ao lado dos missionários na Imprensa Evangélica, primeiro jornal protestante do Brasil, onde publicou vários artigos e sua famosa “Sentença de Excomunhão e sua Resposta”. Suas crises de consciência colocaram-no em desentendimentos com os colegas protestantes e, por fim, lançou-se num ministério itinerante pelas estradas de suas antigas paróquias no interior de São Paulo, Minas Gerais e Paraná.

Por onde passava pregava, deixava convertidos, mas não organizava igrejas, tratava dos enfermos (conhecia práticas médicas) ganhando a simpatia de uns e despertando rancores de outros, ao mesmo tempo em que conquistou a fama de curandeiro e produziu constrangimento nos missionários protestantes que por várias vezes tentaram fixá-lo em um trabalho. Morreu no Natal de 1873, como um indigente andarilho, num posto militar entre São Paulo e Rio de Janeiro. Tal trajetória e tais circunstâncias de sua morte renderam à sua memória tantas polêmicas e disputas quanto teve sua vida.

Miguel Gonçalves Torres, por sua vez, foi um dos quatro primeiros pastores formado pelos missionários americanos no Brasil. Era um português que emigrara para o Brasil a fim de trabalhar no comércio com o irmão e sua conversão ao protestantismo deu-se, como muitas narrativas da época, pela simples leitura da Bíblia. Ainda adolescente adentrou ao primeiro seminário organizado pelos missionários americanos no Rio de Janeiro, onde contraiu tuberculose, e apesar da saúde debilitada, mostrava-se dedicado evangelista quando ainda estudante, chegando a acompanhar José Manuel da Conceição em uma de suas andanças.

Em sua carreira eclesiástica foi pastor, fundador de igrejas e um defensor polemista da fé reformada, autor de livros de grande aceitação nas comunidades protestantes do final do século XIX. Sua principal obra “À Barra do Evangelho”, de 1879, foi uma resposta ao “Catecismo sobre a Igreja Católica” de Dom Antônio Macedo Costa (1830-1891), figura que seis anos antes estivera diretamente envolvido na chamada “Questão Religiosa”¹⁶.

A biografia de Miguel Torres foi escrita entre 1937-1947 por Júlio Andrade Ferreira, filho de uma família evangelizada pelo biografado. Júlio Ferreira havia iniciado sua carreira eclesiástica com uma visita ao túmulo de Miguel Torres em Caldas, sul de Minas Gerais, acompanhado pelos pais e, depois de narrar essa visita em seu livro, afirma: “Miguel Torres foi ‘pai de muitas almas’ eu sou descendente dessa família. Tal é a explicação da existência destas páginas” (FERREIRA, 2010, p. 15).

Porém, além dos motivos pessoais, entre 1937-1947, outro fato influenciou sobre a necessidade de construir essa biografia: como já informado, em 1942 Júlio Ferreira foi nomeado “historiador da Igreja Presbiteriana do Brasil” e apesar de suas hesitações

¹⁶ Sobre os embates entre Dom Antônio Macedo Costa e o protestantismo na Amazônia, vide DEHER (1992) e FREITAS NEVES (2009).

percebeu como possibilidade “que os documentos para o histórico me viessem ter às mãos, o que só era lícito se eu fosse o historiador”. (FERREIRA, 2010, p. 17).

Por fim, a biografia de Miguel Torres foi o primeiro livro publicado pela Casa Editora Presbiteriana, editora oficial desta instituição, criada em 1948, sendo que no ano seguinte, Júlio Ferreira começa a presidir uma Comissão de História da IPB com vistas às comemorações do centenário.

Vicente Themudo Lessa e Boanerges Ribeiros foram autores de duas biografias de José Manuel da Conceição, sendo que Lessa havia escrito um primeiro texto no ano que seria o centenário do biografado, em 1922 (e que também marcaria o centenário da independência do país), e, em 1935, já como um pastor idoso lançou “O padre José Manuel da Conceição”, ampliando aquele primeiro artigo.

Mais do que um autor, Lessa era um remanescente dos primeiros tempos do protestantismo, um guardião da memória que empreendia espontaneamente o trabalho de escrever a história do protestantismo brasileiro¹⁷.

Ele conquistou um trânsito intelectual comum a muitos pastores no início do século XX entre as atividades eclesiais e em instituições de ensino e de eruditos (LIMA, 2008), sendo, além de pastor da Igreja Presbiteriana Independente¹⁸ (IPI), membro de vários Institutos Históricos e Geográficos de diferentes estados¹⁹ e mesmo antes de publicar a biografia de José Manuel da Conceição já havia publicado as de Lutero, Calvino e um livro sobre o papel de Anchieta no martírio do missionário calvinista Jacques Le Balleur.

Como membro dos institutos, Lessa compartilhou da tradição de escrita da história vigente nessas instituições, dando ênfase ao documento como expressão da verdade histórica, eximindo-se da interpretação (WATANABE, 2011), o que, inclusive, se nota na biografia do padre-pastor.²⁰

Boanerges Ribeiro, por sua vez, se debruçou sobre a vida do mesmo personagem, escrevendo sobre ele duas obras, a primeira “O Padre Protestante” em

¹⁷ Embora se concentre em sua instituição, a Igreja Presbiteriana, a obra de Lessa “Annais da 1ª Igreja Presbiteriana de São Paulo” traz muitas informações sobre outros agentes e instituições protestantes do século XIX e início do XX.

¹⁸ Essa igreja surgiu de um cisma da Igreja Presbiteriana do Brasil em 1903, cujo motivo de fundo estava na busca de autonomia financeira e administrativa de parte do clero presbiteriano brasileiro em relação às Juntas de Missões das igrejas americanas. (LÉONARD, 1951)

¹⁹ “Em 1938, Lessa era membro dos Institutos Históricos de São Paulo, Santa Catarina, Espírito Santo, Sergipe,

Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Ceará; e membro da Associação Paulista de Imprensa.” (WATANABE, 2011, p. 67)

²⁰ As obras de Lessa tiveram boas repercussões nos jornais de grande circulação da capital paulista e foram editadas por editoras não evangélicas como: Record Editora e a Cultura Brasileira. A própria biografia de Conceição foi editada pela Cruzeiro do Sul, com 2.000 exemplares, indicando o propósito de alcance além dos muros eclesiais.

1948²¹, e que na realidade “era ampliação de monografia oferecida a concurso do Departamento Municipal de Cultura de São Paulo em inícios da década de 40” (RIBEIRO, 1995, p. 5), e “José Manoel da Conceição e a Reforma Evangélica”, publicado quase 50 anos depois, em 1995.

Quando publica “O Padre Protestante” em 1950, já era autor de uma biografia publicada em 1943, ano que também marca o início de sua ascendente carreira eclesiástica e em 1946 propôs a criação de uma “Casa Publicadora Presbiteriana”, sendo escolhido para presidir uma comissão para realizar tal empreendimento. Desde 1948, quando surge a editora, ocupou o cargo de diretor-presidente até 1961.²²

Considerando a relação biógrafos-biografados e as condições de produção dos três livros que desejamos analisar aqui, percebemos uma mudança de perfil dos autores e da relação institucional com a memória entre diferentes gerações de historiadores do protestantismo, exemplificados aqui pelo ancião Vicente Themudo Lessa e pelos novatos Boanerges Ribeiro e Júlio Andrade Ferreira.

Estes últimos tiveram um processo de centralização e normatização institucional como apoio e pano de fundo de suas obras, enquanto Lessa, quase sem apoio institucional, utilizou-se da estratégia de imiscuir-se em meios intelectuais para dar divulgação às representações de mundo do protestantismo, através das suas biografias.

Embora seja uma longa digressão, estes aspectos relativos ao lugar de produção dessas obras parecem-nos fundamentais para compreendermos as opções de seleção e organização de uma vida feitas pelos biógrafos, assim como também necessários para considerarmos os aspectos da estrutura do discurso hagiográfico em sua relação com as mudanças operadas neste lugar de produção, isto é, um processo de centralização do controle ideológico institucional.

Partindo dessa base histórico-sociológica desta produção, passemos, agora, à nossa perspectiva teórico-metodológicas da análise hagiográfica.

2- A Escrita Hagiográfica nas Biografias Protestantes

Nossa hipótese é que a escrita da vida dos pioneiros do protestantismo, embora acolhendo seletivamente princípios da biografia moderna, não se apartou da hierofania²³ típica das hagiografias católicas, mas a ressignificou à luz da ortodoxia protestante.

Portanto, é necessário definir algumas questões a fim de elucidar melhor esses entrelaçamentos entre biografia, hagiografia e teologia: o que é a hagiografia e o que se objetiva com uma hagiografia? Há algum padrão hagiográfico? De que forma se conectam hagiografia e biografia?

²¹ No prefácio do seu segundo livro sobre Conceição, Boanerges diz “ completei um livro sobre José Manoel da Conceição no Natal de 1948” (1995, p.5)

²² Em 1950, a frente da Casa Editora Presbiteriana lança, por meio desta editora, o seu livro sobre o ex-padre Conceição. Sobre a trajetória do biógrafo, vide Matos (s.d.).

²³ Ou, como diz Eliade “algo de sagrado se nos revela” (1992, p.11)

Para nos ajudar nesse emaranhado de interrogações, buscamos apoio nas reflexões de Certeau (2011), num capítulo intitulado “Uma variante: a edificação hagiográfica”.

Certeau foi um intelectual polivalente e talvez por ser um religioso jesuíta valorizou a dimensão da experiência religiosa como uma esfera necessária para análise da religião, mas considerando-a sempre mais dinâmica do que o alcance da racionalidade científica. Essa postura crítica à capacidade totalizante das ciências, o levou a questionar o próprio estatuto de veracidade da ciência e, no bojo, a própria história acadêmica.

Segue daí seu esforço no sentido de pensar a possibilidade do discurso científico da história por meio dos instrumentos de controle de uma prática (as condições de pesquisa, o seu exercício e a sua escrita) mas sempre sob a espreita do imaginário e da ficção, de modo que “na extremidade da historiografia, como sua tentação e sua traição, existe um outro discurso” (CERTEAU, 2011, p. 289). Assim, Certeau inicia o capítulo em que discute a “hagio-grafia”, literalmente, escrita [da vida] do santo, não a afastando da história acadêmica como se poderia imaginar.

Para Certeau, as hagiografias são exemplos do que está à beira do discurso científico da história, como se fora uma “variante”, uma escrita trabalhando igualmente com a ideia de “verdade”, mas sob uma outra lógica, servindo a outros propósitos: “Ora os ‘fatos’ são antes de tudo significantes a serviço de uma verdade que constrói sua organização ‘edificando’ sua manifestação”. Em suma, uma verdade edificada sobre vidas edificantes. (CERTEAU, 2011, p. 289).

Por outro lado, a hagiografia tem uma estrutura própria que a distingue da história, organizando seus atos, lugares e temas pela referência do que é exemplar e não do “aquilo que se passou” da história, se colocando como um “sistema que organiza uma manifestação graças à combinação topológica de ‘virtudes’ e de ‘milagres’” (CERTEAU, 2011, p. 290).

Na esteira de Certeau, com base nessa forma peculiar de estruturar uma escrita e produzir um “sentido de verdade”, poderíamos falar de uma “operação hagiográfica”?

Parece-nos que sim, mas esse é uma questão que envolve a análise das três dimensões já ressaltados na “operação historiográfica”, ou seja, o lugar, uma prática, uma escrita. Por hora, nos restringiremos a escrita hagiográfica e sua estrutura particular, pensando-a e interrogando se é possível percebê-la nas biografias de protestantes no Brasil.

Para tal tomamos três aspectos que estruturam o discurso hagiográfico: a origem do herói; a ideia de virtude e a tópica hagiográfica. E ainda uma característica marcante da hagiografia, a noção do “espaço de uma constância”.

Nosso objetivo é demonstrar de que forma essa estrutura e característica reaparece nas biografias dos pioneiros protestantes sem descuidar de suas distinções com a hagiografia católica. Uma consideração preliminar diz respeito a não construirmos uma divisão rígida entre biografia e a hagiografia, pois ambas não ficaram inertes em modelos estáticos, mas tiveram desenvolvimentos em suas regras de produção que ora as aproximavam ora as distanciavam.

Um aspecto importante diz respeito ao desenvolvimento do controle do extraordinário nas hagiografias, no qual Certeau (2011, p. 296) percebe uma tensão permanente entre o desejo dos eruditos de “reprimir a ficção”, em nome de uma autenticidade (cujo critério muda ao longo do tempo), contra a tradição de uma literatura popular considerada pelos letrados (religiosos e políticos) como falsas crenças, barbárie e superstições.

Surge, nas hagiografias, uma literatura filtrada pelos que se arrogam “legítimos censores”, na qual algo desse “extraordinário” é tolerado, mas ortodoxamente domesticado, “por causa de sua utilidade para o povo”, ou seja, pela sua utilidade em normatizar o povo sob um saber canônico e/ou canonizável.

Este é um aspecto fundamental quando tratamos de biografias protestantes, que se pretendem modernas biografias, não só em razão das alterações do gênero literário, mas também pelo impulso racionalista e “desencantado” da religiosidade protestante.

Pois, como pretendemos expor, o extraordinário não foi abolido nessas biografias de protestantes, mas, semelhante ao desenvolvimento da hagiografia católica, o espaço para o extraordinário foi ortodoxamente canonizado.

A origem do santo

“O santo é aquele que não perde nada do que recebeu”. Este é um primeiro aspecto que estrutura o discurso hagiográfico, pois segundo Certeau:

Do santo adulto remonta-se à infância, na qual já se reconhece a efígie póstuma. (...) enquanto a biografia visa colocar uma evolução e, portanto, as diferenças, a hagiografia postula que *tudo é dado na origem* com uma ‘vocação’, com uma ‘eleição’ ou como nas vidas da Antiguidade, com um ethos inicial. (CERTEAU, 2011, p.297)

A força da origem impele a narrativa a uma perspectiva teleológica da vida do santo, de modo que numa “epifania progressiva” o “santo é inteiriço, imutável, pronto a enfrentar todas as provas sem nenhuma alteração” (DOSSE, 2009, p. 138).

Entre as biografias que analisamos, aquelas sobre o padre José Manuel da Conceição são as que melhor caracterizam tal “epifania progressiva”, pois Lessa, em Padre José Manoel da Conceição (1935), dedica parte de sua narrativa aos primeiros anos do personagem, utilizando-se da sua “Profissão de Fé”, publicada à época de sua conversão, na qual o ex-padre faz uma revisão de sua biografia, resumindo assim os anos de formação do biografado:

Muito devoto se mostrou até os dezesseis anos. Teve, porém, conflitos espirituais, e cedo travou conhecimento com as Escrituras Sagradas. Entrou em relação com protestantes, e sem embargo de preconceitos, começou a

sentir certa atracção por eles, levado pelo bom testemunho de suas vidas religiosas. (LESSA, 1935, p. 12)

O dilema na jovem alma do personagem entre o catolicismo familiar e o aprendizado de “verdades” nas Escrituras Sagradas e pelo contato com protestantes imigrantes é a marca indelével de uma vida, tal qual um biografema.²⁴

Assim, Lessa funda uma origem de José Manoel da Conceição imanada pela ideia de superação do catolicismo, uma marca de origem da trajetória que não é casual, pois Lessa fazia parte de uma intelectualidade protestante²⁵ disposta a reforçar para dentro e para fora do grupo o sentido de superioridade da fé e da racionalidade protestante diante do catolicismo, numa época de crescente expansão do poder da Igreja Católica no espaço público.

Portanto, nada melhor do que representar a vida do ex-padre como emblemática da superioridade civilizacional protestante para fundamentar a ordem social republicana e a identificação do protestantismo com o sentimento nacionalista.

Também Boanerges Ribeiro, em *O padre protestante* (1950), constrói este dilema entre a vocação sacerdotal estimulada pelo tio-avó padre e o contato do personagem com a Bíblia e os protestantes, pois esse teria “uma vocação evidente”. “Foi o caso que nesse tempo [por volta dos 17 anos] caiu uma Bíblia nas mãos de José Manoel, que começou a lê-la. Pouco mais de uma página bastou para deixá-lo perplexo; parecia-lhe que todo o ensino da Igreja ia chocar-se contra os primeiros capítulos do Gênesis” (p.28). Narra, em seguida, outros episódios e, concluindo, chama-os de “misteriosos caminhos da providência” (p. 45).

Todavia Boanerges Ribeiro constrói um biografado mais atormentado com sua antiga fé e inquieto em fazer seus compatriotas também saírem do “erro”, de modo que o biógrafo constrói a imagem de um reformador da religião e justifica o estilo de vida eremítico do seu herói, incompreendido pelos seus amigos protestantes.

Assim, Boanerges Ribeiro retoma esta vida como exemplo do combate abnegado pela protestantização do país e que necessariamente passaria por uma descatolização, uma reinterpretação ortodoxa da vida do ex-padre, o que reflete o vínculo

²⁴ Biografema é um conceito utilizado por Barthes e que propõe a compreensão do personagem biografado a partir de alguns fatos, que caracterizados como detalhes, pela dimensão microscópica e ínfima numa vida, podem ser transformados em signos repletos de significado, oferecendo uma construção fragmentária que pode se expressar de forma ampla enquanto texto narrativo, crítico, ensaístico, biográfico ou autobiográfico e que permite uma vínculo interrelacional entre a realidade e ficção. “Gosto de certos traços biográficos que, na vida de um escritor, me encantam tanto quanto certas fotografias; chamei esses traços de ‘biografemas’; a fotografia tem com a História a mesma relação que o biografema com a biografia”. (BARTHES, 1980, p. 51)

²⁵ Este grupo girava em torno de iniciativas de intelectuais protestantes de diferentes organizações e igrejas entre 1920 e 1930, como a *Revista de Cultura Religiosa* (1922-1926) e *Sacra Lux* (1935-1939). (SANTOS, 2006, p. 184 ss.)

de Boanerges Ribeiro com a reação institucional conservadora às propostas ecumênicas dos protestantes progressistas.

Júlio Andrade Ferreira, em *O Apóstolo de Caldas* (1950), também narra alguns episódios da juventude de Miguel Torres que seriam paradigmáticos do seu caráter. Depois de ter chegado ao Brasil para trabalhar com seu irmão, fez amizade com outro jovem, empregado num estabelecimento em frente, Antônio Trajano, frequentador da Igreja Presbiteriana de São Paulo, e entraram em “confabulações evangélicas”. Certo dia, enquanto vendia algumas “varas de pano” disse ao cliente inexperiente que escolhia peças não muito boas, para ele escolher outra já que aquela estava deteriorada. Esse ato, identificado como primeira manifestação da nova fé do jovem Miguel teria despertado a fúria do patrão que o questionou sobre aquele proceder, no que Miguel respondeu: “A razão de eu assim proceder, senhor, é que estou disposto a não mentir mais”, o que resultou na agressão deste pelo patrão, e em demissão do emprego. (FERREIRA, 2010, p. 39)

Outro episódio é que o jovem Miguel, já seminarista, era perseguido pelo irmão que procurava nas gavetas para destruir sua Bíblia. Como solução Miguel enterrou-a no quintal. Nas madrugadas levantava escondido do irmão e a Bíblia era “lida aos lampejos derradeiros do lampião e da rua e aos primeiros albos da manhã” (FERREIRA, 2010, p. 41).

Aqui já está, nas origens, os traços que permaneceram no caráter de Miguel: uma moral inabalável e uma incansável aplicação ao estudo da Bíblia.

Além do anti-catolicismo como pano de fundo comum, as histórias se passam como se os fatos e relacionamentos dos personagens, assim como as experiências positivas ou negativas de suas vidas, os conduzissem ao propósito de torná-los o modelo de sacerdote, de fé e de conduta (variável segundo os interesses dos lugares de produção dos autores), manifestado na vida adulta.

Uma espécie de “história secreta” se revela aos poucos por trás das cenas observáveis nos documentos e testemunhos da época citados à profusão, que são narrativas da “Providência” intervindo no seu espaço privilegiado, conforme a fé protestante: a vida dos seus eleitos.

A ideia de virtude

“A hagiografia é a rigor um *discurso de virtudes* (...) designa o exercício de ‘poderes’ ligando-se ao *dunameis* do Novo Testamento e articulando a ordem do parecer com a ordem do ser”, diz Certeau (2011, p. 298). Ou seja, através da vida de um santo (uma exceção) mostra-se ao leitor como a história está aberta ao “poder de Deus”, “onde o extraordinário e o possível se apoiam um no outro para construir uma ficção posta aqui a serviço do exemplar”. (CERTEAU, 2011, p. 294)

Adentramos então n’outro aspecto estrutural da hagiografia, a articulação da ordem do ser com a ordem do parecer mediada pelo “poder”. Esse “poder” se expressa em um leque de ações na vida de um santo “desde o martírio ou o milagre até a ascese ou o cumprimento do dever de Estado” e aponta para a proximidade entre as virtudes, o

extraordinário e o maravilhoso apenas enquanto estes são signos, ou seja, fazem parte de um conjunto lógico de representações religiosas. (CERTEAU, 2011, p. 298)

Certeau dedica boa parte de sua reflexão ao lugar do milagre na hagiografia e constata a distinção entre virtudes e milagres, embora sejam faces da mesma moeda: “Uns e outros referem-se ao poder, mas como norma social no caso das primeiras, e como exceção no caso dos segundos” (2011, p. 298; 299).

E conclui sobre algo de novo nas hagiografias modernas: “Durante o período moderno, a eucaristia, condição da passagem do ser ao parecer, é o objeto privilegiado pelo milagre, que se tornou o duplo e a ‘prova’ daquilo que torna o relato de uma ‘manifestação’ possível” (CERTEAU, 2011, p.300).

Para nós mais importante que o sacramento da eucaristia, em si, é sua condição da “passagem do ser ao parecer”, ou seja, a união mítica e mística entre o corpo empírico e o ser intangível da fé, dessa maneira, seria a hagiografia moderna o relato de uma manifestação possível de uma vida observável, a “prova” da intervenção do ser não visível, de modo que chegamos na vida do santo narrada em suas virtudes não como algo inerente ao próprio, mas como o que lhe foi dado sobrenaturalmente, como expressão de um milagre.

Isto está bem ao gosto das biografias protestantes analisadas, pois as três narrativas têm em comum dois momentos de um mesmo processo: a leitura da Bíblia e a conversão da alma.

O paradigma da conversão, característico do protestantismo brasileiro, orienta os autores a uma organização da vida dos seus heróis a fim de destacar um propósito divino que se revela, aos próprios personagens, apenas após suas conversões, de maneira que suas virtudes (de abnegado evangelista no “Conceição” de Lessa, de reformador da religião no “Conceição” de Boanerges Ribeiro e de intelectual-defensor da fé, em Miguel Torres, de Júlio Ferreira) expressam-se como manifestações desse propósito desde sempre secreto, mas que se mostra ao mundo apenas pela conversão e ministério religioso desses pioneiros.

Na ideia de conversão, ocorre um “milagre interior”, que se expressa na total mudança da conduta social e ruptura, e assim são os relatos dos seus biógrafos: o “estou disposto a não mentir mais” da conversão de Miguel Torres, seguido pela ruptura nas relações com o irmão; ou a crise de fé de Conceição ao conhecer as “Escrituras” e depois romper com as doutrinas católicas. Muitas vezes nas narrativas, pelo simples contato com a Bíblia nasce o “milagre interior” seguido por uma “realização da vocação”.

Portanto, a Bíblia e a vida são lugares onde o extraordinário e o possível se apoiam, mas também signos de um sistema de representações da religião protestante.

A tópica hagiográfica

Certeau (2011, p. 296) ainda afirma: “Na hagiografia, a individualidade conta menos que o personagem”.

Nesse sentido, ao perceber que há “imenso repertório de temas” com certa recorrência no discurso hagiográfico, Certeau sustenta que “esses temas remetem a sistemas de representação”, sendo possível distinguir três tipos, entre os quais, “um tipo

histórico ou escriturário que repete, desenvolve e ilustra os signos fornecidos pelo Antigo e Novo Testamentos” (2011, p. 301).

Observando as três biografias analisadas, devemos considerar que seus autores, como presbiterianos, escreviam do interior de uma ortodoxia calvinista, e embora temas clássicos da teologia calvinista como “soberania divina”, “predestinação”, “eleição” ou “vocação” não estejam explicitados nas narrativas, são como uma base ideológica na construção da trajetória dos personagens.

O aspecto mais sintomático dessa base ideológica é o processo de conversão que ocorre fundamentalmente pela simples leitura da Bíblia, reduzindo a influência humana a meros instrumentos da Providência, uma vez que a importância da leitura bíblica no processo do “milagre interior” é constituinte do imaginário protestante. Basta lembrar que um dos mitos de origem da fé protestante é uma “descoberta” bíblica: “O justo viverá pela fé” de Lutero.

O tema da salvação unicamente pela fé, implica considerar a conversão do indivíduo e sua mudança de vida como ação divina, na qual a participação humana é mínima, ou totalmente negada como no caso da doutrina da predestinação calvinista, e a conversão mais do que uma decisão humana é uma hierofania, um dos restritos espaços destinados a ação sobrenatural no mundo desencantado protestante.

O protestantismo operou um “esvaziamento do sagrado” no Brasil, em razão do esforço de distinção em relação ao catolicismo barroco, estético e emocional, resultando em uma ação mais radical do que no protestantismo europeu (SANTOS, 2006, p. 235). Os primeiros missionários se esforçaram por retirar ao máximo o simbólico na mediação com o sagrado, na busca de deslocar o sagrado do mundo dos sentidos para o mundo da subjetividade, apenas mediado pela atividade solitária e racional do “livre-exame das escrituras” o que contribuiu para uma apropriação da Bíblia um tanto heterodoxa por parte do fiel protestante, mas tolerada pelos doutrinadores ortodoxos.

Nesse sentido, nas biografias que analisamos, a Bíblia assume uma função sobrenatural: são narrativas piedosas onde o objeto Bíblia é encantado como casos de pessoas analfabetas que aprenderam a ler sozinhas na Bíblia e apenas nela e de práticas próximas às simpatias do catolicismo popular.

Por exemplo, é narrado por Júlio Andrade Ferreira o caso de uma senhora que convertida ao protestantismo teve sua Bíblia queimada pelo marido, ela “recolheu as cinzas de sua Bíblia querida e enterrou-as a um canto do jardim e por cima das cinzas do livro plantou um pé de lírio, a sua flor predileta, símbolo de santidade e pureza. Depois orou, com todo o fervor de sua alma, pela conversão do marido” (2010, p. 62)

Num outro aspecto, a própria leitura da Bíblia traz seus modelos de intervenção divina sobre a história individual, apresentando modelos biográficos como o de Moisés, José, Paulo, entre outros, e o do próprio Cristo. Estes seriam exemplos do agir de Deus na vida dos seus “escolhidos”.

Estes modelos bíblicos se projetavam entre os pioneiros do protestantismo brasileiro que se auto-representavam como continuadores dos “Atos dos Apóstolos” no Brasil, sendo que os testemunhos e documentos da época são repletos de títulos para os

que se destacavam de alguma forma nesse protestantismo missionário como “Paulo do Brasil”; “Lucas do Sertão” ou “Gamaliel do Norte” etc.

Assim, os historiadores eclesiásticos e os primeiros biógrafos desses personagens continuaram essa prática de identificar a vida dos pioneiros às vidas da Bíblia, mas inseriram uma nova fonte de inspiração: A Reforma Protestante.

Miguel Torres é chamado por Júlio Andrade Ferreira, como “Apóstolo de Caldas”, e o autor constrói a vida desse pioneiro enfatizando sua piedade, intelectualidade e disposição para plantar igrejas em várias partes do sul-mineiro, apesar de sofrer de tuberculose durante toda a sua carreira e ainda ser um incansável polemista e defensor da fé. Assim, a vida de Miguel Torres ganha uma feição análoga à vida do apóstolo Paulo que foi um fundador de igrejas e defensor da fé apesar de sofrer com “um espinho na carne”.

Já as duas biografias de José Manoel da Conceição o conduzem a uma identificação com Lutero. Elas narram sua busca obsessiva pela verdade, suas críticas ao “comércio dos sacramentos” dos padres (destacado por Lessa), suas crises de consciência em relação ao catolicismo e seu desejo de uma reforma na religião brasileira (destacado por Boanerges Ribeiro) num claro esforço de fazer o leitor identificá-lo enquanto uma atualização do reformador alemão ao contexto brasileiro.

Assim alegam a deslegitimação do catolicismo enquanto base de um espaço público devido sua fragilidade teológico-racional, algo que, certamente, ambos biógrafos postulavam como necessário também para sua própria época, o que talvez explique o duplo retorno à vida do biografado entre os anos 1930-1940.

As biografias desses pioneiros expressam um protestantismo em que a “vida” e a “Bíblia” são *locus* privilegiados da ação do sobrenatural, mas aqui tal qual na “moderna hagiografia” católica, este sagrado surge domesticado²⁶ pela ortodoxia.

Todavia não são os únicos lugares de abertura ao sagrado, pois tanto o “Reformador” quanto o “Apóstolo” são também histórias de dois peregrinos²⁷ que apesar das vidas errantes tiveram suas “fortalezas” e seus “lugares de memória”, para onde novos peregrinos se dirigem em busca da força, exemplo e inspiração desses pioneiros.

²⁶ A referência a Roger Bastide, em “O Sagrado Selvagem”, é a propósito de compreendermos que as religiões estão constantemente disciplinando a relação dos seus fiéis com o sobrenatural; construindo um sentido considerado apropriado para as crenças e práticas dos fiéis que geralmente escapam ao controle institucional; algo que percebemos presente nos biógrafos protestantes ao tornar aspectos heterodoxos (por exemplo, a vida de Conceição, o enterro de Bíblias etc.) em histórias piedosas e exemplares.

²⁷ O termo não é gratuito. Além de seu lastro nas representações e crenças dos protestantes do século XIX e início do XX, leitores de John Bunyan e apreciadores do quadro “Os Dois Caminhos”, o termo aponta para a transformação de um ato em liturgia. (SANTOS, 2006, p. 232 ss.)

O espaço de uma constância

Finalmente, uma importante distinção entre a biografia e as hagiografias, segundo Certeau é que a “hagiografia se caracteriza por uma predominância das particularizações de lugar sobre as particularizações de tempo”, ou seja, enquanto o tempo pode ser reatualizado em novos “personagens” que se impõem sobre individualidades, o espaço torna-se o lugar da singularidade de uma vida, ao mesmo tempo que aponta para um sentido de permanência.²⁸

Estas são marcas do fazer hagiográfico que os biógrafos protestantes não escaparam, e como na hagiografia católica, o lugar é relativizado pelo fato de remeter os leitores a um “além”, a um sentido onde ocorre o “desaparecimento do indivíduo por trás de uma combinação de virtudes prescritas à manifestação do ser”. Importa como extrair daquela vida os princípios eternos que se deseja: o sentido da crença que se quer plasmar sobre uma comunidade religiosa. “Mas o sentido é um lugar que não é um lugar” (CERTEAU, 2011, p. 303)

As biografias de José Manoel da Conceição e Miguel Torres são textos que circulam em torno de lugares. Lessa e Boanerges Ribeiro preocupam-se em seguir o itinerário do ex-padre pelo interior de São Paulo, sendo que o segundo até apresenta em croqui²⁹ as estradas e rotas dessas viagens na qual a cidade de Brotas, a sua antiga paróquia, era o centro de irradiação de um protestantismo que crescia vigoroso pelos sertões paulista e mineiro.

Já o biógrafo de Miguel Torres inicia sua narrativa relatando uma viagem feita ao lado dos pais à cidade de Caldas, onde eles tinham se convertido ao protestantismo pelas mãos do pioneiro e anos depois, Júlio Andrade Ferreira relatava o significado daquela viagem: “Breve, se Deus quiser, vou comemorar 10º ano de ordenação ao sagrado ministério. Dez anos após a viagem a Caldas. Dez anos abençoado pela inspiração de Miguel Torres.” (FERREIRA, 2010, p. 17)

É interessante também notar algumas referências aos túmulos desses pioneiros.

Júlio Andrade Ferreira fora a Caldas para “contemplar seu túmulo” (de Miguel Torres), que tinha sido restaurado em 1924 e só foi identificado porque “uma velha preta, chamada Carolina, que nunca perdera o hábito de visitar o jazigo de seu inesquecível pastor, foi quem indicou o lugar” (FERREIRA, 2010, p. 208).

Esta narrativa nos permite supor uma manutenção por parte de alguns fiéis da guarda do túmulo enquanto a instituição não se preocupava com esta preservação, embora após mais de 30 anos da morte de Miguel Torres, ocorre a iniciativa institucional de apropriar-se desse local para situá-lo na memória institucional, talvez para evitar que apenas a memória e contemplação dos fiéis com suas significações geralmente pouco controláveis se mantivesse.

²⁸ “A história do santo se traduz em percurso de lugares e em mudanças de cenários; eles determinam o espaço de uma ‘constância’” (CERTEAU, 2011, p. 301).

²⁹ Na capa da segunda edição de 1979, a imagem de centro é o mapa das viagens de Conceição, tendo a silhueta de uma sombra de um homem em pé segurando uma mala (provavelmente referindo-se ao viajante Conceição), projetada sobre o mapa.

Nesse sentido, têm-se a necessidade de sempre registrar o sentido que se deve dá àquela vida pelos epitáfios ortodoxamente redigidos. No caso de Miguel a inscrição na lápide: “Rev. Miguel Torres. Ministro do Evangelho. N. em Portugal em 1849. F. 12-5-1892. Homenagem de seus irmãos na fé. ‘Não me envergonho do evangelho. Pois é virtude de Deus Para dar salvação A todo o que crê’. São Paulo” (FERREIRA, 2010, p. 208)

Igualmente o túmulo de Conceição é destacado em suas biografias.

Boanerges Ribeiro termina sua obra com um desenho do túmulo de José Manoel da Conceição ao lado do norte-americano A. G. Simonton, em uma lembrança nada casual, que objetiva propô-los como os fundamentos do presbiterianismo nacional: a origem estrangeira e a feição brasileira de uma religião que nos anos 1930-40 era acusada de não ter o “espírito nacional”.

Por sua vez, Lessa, depois de narrar o esforço da Igreja Católica de exumar os restos mortais do ex-padre do “terreno sagrado” para ser “*novamente bençido e reconciliado*”, dá mais detalhes sobre o túmulo deslocado: “O rev. Blackford mandou recolher os preciosos despojos, que foram trasladados para o Cemitério dos Protestantes de São Paulo, em 1877, onde os visitantes podem ver-lhe o túmulo e a lápide comemorativa” (1935, p. 73).

Em nota, segue:

Seu túmulo jaz ao lado de Simonton e Schnieder, seus velhos companheiros. Assim diz o epitáfio: À memória do Rev. José Manoel da Conceição. Nasceu em S. Paulo, 11 de março de 1822. Prêgou o Evangelho desde 1864. Dormiu no Senhor a 15 de dezembro de 1873. “Não me envergonho do Evangelho de Cristo” (Rm. 1. 16). “Alegro-me nos sofrimentos”. “Por seu corpo que é a Igreja” (Col. 1.24). (LESSA, 1935, p. 73)

Esses locais como que fixam a leitura do desenrolar de uma vida inspiradora às novas existências de fé e missão religiosa. Ao apresentá-los os biógrafos explicitam atributos que veem na vida do biografado, seja a abnegação evangelizadora contra o catolicismo em Lessa, o desejo de reforma da religião nacional em Boanerges Ribeiro, assim como a exemplaridade sacerdotal de Miguel Torres como pastor, evangelista e intelectual defensor da fé na perspectiva de Júlio Ferreira.

As descrições, em letras e imagens, expressam a “constância de uma vida” que acaba por ser narrada em seus diferentes cenários, mas que não muda “em essência”, pois apesar das mudanças (do itinerário entre o privado das provações no início vida ao espaço público do tempo da epifania, dos milagres e conversões), dos seus diferentes espaços de atuação, a “essência” do santo permanece e dá-se a ler nos locais por onde ele andou e nas visitas a seus túmulos.

Considerações Finais

Seguindo os aspectos característicos e estruturais, conforme Certeau (2011), do discurso hagiográfico, percebemo-los nas três biografias protestantes em análise.

Essas biografias dos pioneiros organizaram suas narrativas harmonizando-as à ortodoxia protestante³⁰, seja pela ênfase nas virtudes, pela adesão aos modelos bíblicos ou históricos da reforma, seja pelo esvaziamento do sagrado, reduzindo o “milagre” à Bíblia e à vida (alma) do indivíduo.

Nisso reside uma distinção fundamental em relação a hagiografia tradicional católica, pois o sagrado, nas biografias protestantes, é esvaziado de sua exterioridade e deslocado para subjetividade dos sujeitos históricos, assim, exilado na subjetividade do fiel, tem alguns poucos espaços para se manifestar como extraordinário.

Por sua vez, percebe-se o incômodo que o extraordinário causou nos eruditos católicos e o esforço para controlá-lo, torná-lo canonizável, já nas biografias protestantes analisadas esse processo parece ter sido ainda melhor sucedido dando a impressão de uma recusa do “milagre”.

Porém, percebemos “por trás” da narrativa aparente uma “outra narrativa”, providencial, realizando seus propósitos, em que a unificação mística do ser e do parecer se revela no processo de leitura da vida dos “eleitos” que por sua vez operam uma leitura das “Escrituras Sagradas”. Assim, a Bíblia e a vida são dadas a ler e aptas para permitir uma leitura da intervenção divina no mundo profano, e paralelamente, como signos fundamentais do universo simbólico protestante, “Bíblia” e “vida” tornam-se espaços de um “milagre interior” e meios privilegiados de manifestação do sagrado pelas mãos dos biógrafos dos pioneiros.

Pelo recurso de “esvaziamento do sagrado” (que pode ser lido também como um ocultamento do sobrenatural; diferentemente das hagiografias católicas que o “toleram”) nessas biografias, a vida dos pioneiros constituía-se “canônica e canonizável”; um lugar de projeção da fé e prática ortodoxa, em meio a um contexto institucional, social, político e ideológico em crescente tensão nos anos 1930-1950.

Sob constante ameaça de cismas e divisões, as instituições protestantes e seus agentes (como nossos biógrafos) sentiam imperioso esculpir novos símbolos de unidade e identidade, novos homens exemplares; novos santos que continuariam trabalhando, agora através dos discursos sobre suas vidas, em prol de uma unidade com vistas a expansão institucional e, sobretudo, por uma identidade homogeneizadora imposta sobre uma diversidade real.

³⁰ Vale notar que as biografias protestantes não buscam construir mediadores entre o humano e o divino, indivíduos alvos de devoção coletiva como meios de acesso ao sagrado, tal qual se objetiva nas hagiografias. Isso por que os protestantes são críticos, desde os tempos da Reforma, da teologia de santificação católica.

Referências

- BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Lisboa: Ed. 70, 1980.
- BASTIDE, Roger. *O sagrado selvagem e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. 3ed. Rio de Janeiro: Forense, 2011.
- DREHER, Martin. História dos protestantes na Amazônia até 1980. In: HOORNAERT, Eduardo. *História da igreja na Amazônia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.
- DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: EDUSP, 2009.
- ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. Martins Fontes: São Paulo, 1992.
- FERREIRA, Júlio Andrade. *O Apóstolo de Caldas*. Ribeirão Gráfica Editora: Franca-SP, 2010.
- FREITAS NEVES, Fernando Arthur de. *Solidariedade e Conflito: Estado Liberal e Nação Católica no Pará sob o Pastorado de Dom Macedo Costa (1862-1889)*. Tese (Doutorado em História)/PUC-SP, São Paulo, 2009.
- GONÇALVES, Marcia de A. História ou romance? a renovação das biografias nas décadas de 1920 a 1940. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 13, n. 22, p. 119-135, jan.-jun. 2011.
- _____. Marcia de A. Narrativa biográfica e escrita da história: Octávio Tarquínio de Sousa e seu tempo. *Revista de História*, núm. 150, Universidade de São Paulo, Brasil, p. 129-155, julho, 2004.
- LESSA, Vicente Themudo. *Anais da Primeira Igreja Presbiteriana de São Paulo (1863-1903)*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2010.
- _____. *Padre José Manoel da Conceição*. 2. ed. São Paulo: Cruzeiro do Sul, 1935.
- LÉONARD, Emile-Guillaume. *O protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e história social*. 2ed. Rio de Janeiro e São Paulo: JUERP/ASTE, 1981.
- LIMA, Éber Ferreira Silveira. *Entre a sacristia e o laboratório: os intelectuais protestantes brasileiros e a produção da cultura (1903-1942)*. 2008. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2008.
- MATOS, Alderi Souza. “Rev. Boanerges Ribeiro – uma vida a serviço da Igreja presbiteriana do Brasil”, In: *Presbiterianismo no Brasil*. São Paulo: Mackenzie/Andrew Jumper Centro Presbiteriano de Pós-Graduação, s.d. Disponível em: <<http://www.mackenzie.br/7177.html>>. Acesso: 02 de junho de 2016.
- MUNIZ JÚNIOR, João. *Biografia e História: panteonização e iconoclastia em narrativas de Raimundo Magalhães Junior*. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2015.
- RIBEIRO, Boanerges. *O padre protestante*. São Paulo: Casa Editara Presbiteriana, 1950.
- _____. *José Manuel da Conceição e a Reforma Evangélica*. O Semeador: São Paulo, 1995
- QUADROS, Eduardo G. A proclamação da diferença: um balanço da produção acadêmica sobre a história dos protestantismos no Brasil. *Revista Brasileira de História das Religiões*. ANPUH, Ano VIII, n. 24, Janeiro/Abril de 2016
- SANTOS, João Marcos L.. Falar do passado versus fazer história: para uma análise crítica da historiografia protestante no Brasil. *Revista Eclesiástica Brasileira*. Fasc. 234. Jun. 1999.

- SANTOS, Lyndon de Araújo. *As outras faces do sagrado: protestantismo e cultura na Primeira República Brasileira*. São Luís: Edufma; São Paulo: Ed. ABHR, 2006
- _____, Protestantismo e Modernidade: os usos e os sentidos da experiência histórica no Brasil e na América Latina. *Projeto História*, São Paulo, n.37, p. 179-194, dez. 2008.
- SOUZA, José Roberto de. *A reação da Igreja Presbiteriana do Brasil ao advento do pentecostalismo em Pernambuco*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2013.
- TUCHMAN, Bárbara W. *A prática da História*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.
- WATANABE, Tiago H. Barbosa. *Escritos nas fronteiras: os livros de história do protestantismo brasileiro (1928-1982)*. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2011.
- _____. A construção da diferença no protestantismo brasileiro. *Revista Aulas*. n. 04.abr-jul, 2007.